

AS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 2020 E A LUTA CONTRA BOLSONARO

1. A vitória da extrema-direita na eleição presidencial de 2018 provocou importantes mudanças no quadro das disputas municipais do próximo ano. O aumento da polarização entre posições marcadamente ideológicas fez com que as forças de centro-esquerda e centro-direita, que ocuparam papel de protagonistas na disputa política no ciclo anterior, cedessem espaço para novos atores.

2. O cenário político brasileiro é marcado pela entrada em cena de novas forças e por uma importante divisão entre os partidos da velha direita. Ainda que seja difícil dizer com segurança qual será a correlação de forças na sociedade quase um ano antes das eleições do ano que vem, podemos afirmar que o cenário mais provável é de aprofundamento do desgaste do governo Bolsonaro, o que deve ensejar diferentes estratégias entre os partidos que sustentaram até aqui boa parte dos ataques do governo, ainda que sem compor formalmente sua base de apoio (DEM, PSDB, MDB, PP, entre outros).

3. Em pouco menos de um ano a popularidade do governo Bolsonaro está reduzida a menos de um terço dos eleitores brasileiros. Sua incapacidade de enfrentar a crise econômica e social que aflige o Brasil deve piorar essa situação. A receita implementada até aqui – privatizações, retirada de direitos, aprofundamento da política de arrocho fiscal – não tem qualquer condição de produzir resultados positivos. O desemprego, a informalidade, a violência e a deterioração dos serviços públicos devem continuar. Ainda assim, sua capacidade de polarizar o debate público em torno de sua agenda de ataques aos direitos deve reforçar a presença dos temas nacionais nas disputas locais.

4. Essa eleição, portanto, se reveste de máxima importância. Considerando o cenário político nacional, podemos dizer sem medo de errar que estamos diante da mais importante eleição municipal da história do PSOL. Isso se deve à presença das forças de extrema-direita no poder, mas também, ao extraordinário crescimento de nosso partido nos últimos anos. Em busca de uma alternativa ética, combativa, independente e socialista, milhares de novos ativistas, lideranças populares e quadros de outras agremiações partidárias têm buscado o PSOL como opção. Nossa campanha de filiações, encerrada recentemente, atesta esse crescimento. Nossos acertos diante de momentos decisivos da disputa política brasileira nos últimos anos – como o golpe de 2016, a prisão do ex-presidente Lula e a luta contra Bolsonaro no segundo turno das eleições presidenciais do ano passado – nos credenciaram como alternativa para receber esses novos companheiros e companheiras.

5. O surgimento de nomes competitivos para a disputa de prefeituras em inúmeras capitais, além de cidades médias e pequenas, mostra que nosso partido alcançou um novo patamar político e eleitoral, verificado pelo crescimento de nossa bancada parlamentar nas últimas eleições. Por isso, devemos estar preparados para a enorme responsabilidade de representar o projeto de uma nova esquerda nas eleições do próximo ano, enfrentando a extrema-direita e os velhos partidos da direita golpista. Nossa prioridade nos próximos meses é construir uma base programática comum que possa servir de subsídio para todas as companheiras e companheiros que nos representarão na disputa eleitoral de 2020. Essas diretrizes programáticas deverão ser aprovadas pelo VII Congresso Nacional do PSOL e servirão de apoio para a formulação dos programas de governo do nosso partido, trazendo contribuições sobre economia, geração de emprego e renda, políticas sociais, mobilidade, meio ambiente, gestão transparente e democrática, dentre outras. Construiremos, portanto, um programa que dê um nítido perfil de prefeituras de resistência e não de conciliação com a agenda neoliberal; de afirmação de outro modelo de cidade e uma outra governabilidade, democrática, cidadã e com participação popular. Uma ampla plataforma de resistência dos de baixo contra o avanço do capital, suas políticas de devastação ambiental (algo central num contexto de emergência climática e colapso ecológico), de desmonte de direitos de trabalhadoras/es, da educação, ciência e saúde e de extermínio de povos indígenas, comunidades tradicionais e periféricas, praticadas especialmente através de suas faces mais nefasta, especialmente o neofacismo bolsonarista.

6. Até lá devemos trabalhar para garantir o maior número de candidaturas próprias pelo país. Nossa meta é ter, pelo menos, 1000 candidatos e candidatas disputando prefeituras em todo o Brasil. Isso significa comprometer todo o partido na organização de diretórios e comissões provisórias municipais e no diálogo com lideranças populares dispostas a defenderem nossas bandeiras nas eleições do próximo ano. Os prazos para troca ou ingresso no partido (março do próximo ano) nos permite travar um diálogo respeitoso com lideranças que queiram se somar ao nosso projeto.

7. Além de trabalhar para garantir a maior quantidade possível de candidaturas à disputa majoritária de 2020, devemos dedicar especial atenção também à disputa das Câmaras de Vereadores. O PSOL tem demonstrado que é capaz de projetar novas lideranças a partir das eleições de vereadores e vereadoras – como demonstra o crescimento de nossa bancada federal em 2018, boa parte dela composta por ex-parlamentares municipais – o que também nos exige um esforço de construção de chapas que expressem a diversidade de nossas lutas e contemplem a necessária presença lideranças mulheres, negros e negras, jovens e LGBTs nos espaços de representação institucional.

8. Quanto aos potenciais aliados eleitorais, o PSOL trabalhará para construir seu arco de alianças com os partidos declaradamente de oposição de esquerda ao governo Bolsonaro, de enfrentamento a agenda liberal e defesa dos direitos democráticos e sociais, ficando desde já vetadas quaisquer alianças com os partidos da base do governo federal, bem como aqueles que compõem o chamado “centrão”. Ficam, assim, autorizados diálogos com os partidos de oposição, cabendo a aprovação definitiva do arco de alianças ao VII Congresso Nacional do PSOL.

9. Entendemos que a pressão pela unidade das forças de oposição ao governo Bolsonaro é um fenômeno natural do momento político que vivemos. Essa pressão, no entanto, não pode ser entendida como forma de suprimir divergências acumuladas em nível local entre partidos que hoje compõem a oposição ao governo Bolsonaro. Assim sendo, a direção nacional, a luz das resoluções do VII Congresso, acompanhará o processo de implementação dessa política, sempre levando em conta a coerência da tática determinada em cada município frente aos objetivos e prioridades nacionais, respeitando nossa tradição democrática.

10. Por fim, reforçamos que as eleições de 2020 são um episódio fundamental na luta contra o governo Bolsonaro e convocamos toda a militância do PSOL a se engajarem na construção de uma vitoriosa campanha. A responsabilidade de um candidato ou candidata não é maior que a de um filiado ou filiada. Estamos diante da campanha mais importante da história do PSOL. A derrota da extrema-direita, passa por nossa vitória em 2020.

Diretório Nacional do PSOL

São Paulo, 26 e 27 de outubro de 2019